

## O culto ao corpo

Mirela Berger - Doutora em Antropologia pela USP e Docente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

*“No social todo culto é hipócrita; na intimidade, ele é verdadeiro.” (Mulher 21, 44 anos)*

### Resumo:

Neste artigo, faremos uma discussão sobre o fenômeno do culto ao corpo, procurando especificar sua datação, tanto para autores que o estudaram, quanto para as mulheres entrevistadas. Em seguida, mostraremos como as entrevistadas pensam e se relacionam com o processo de culto ao corpo e também como o justificam.

Palavras Chaves: culto ao corpo, identidade feminina, mídia.

### O CULTO AO CORPO.

#### ENTENDENDO E DATANDO O PROCESSO DE CULTO AO CORPO.

Estar bela, malhada, sentir-se bem consigo mesma. Não ter gordurinhas sobrando. Ter um corpo rígido, cabelos e pele impecáveis. Ser admirada por sua beleza ou por seu corpo em forma. Ter um corpo perfeito. Encaixar-se nos padrões de beleza massificados. Cultuar o corpo, desejá-lo belo, mas, ao mesmo tempo, malhá-lo. Submetê-lo a esforços físicos para que ele desabroche em sua melhor forma.

Estas falas, todas nativas<sup>1</sup>, apontam para um processo central das últimas décadas (1980-2000), que é o culto ao corpo. Embora seja quase impossível estabelecer com certeza quando as expressões “culto ao corpo” e “cultura do corpo” apareceram pela primeira vez, numerosos antropólogos, sociólogos e historiadores vêm se utilizando destes termos para designar um comportamento onde o corpo figura como elemento central e definidor de identidades. Mais do que ser apenas um meio, o corpo transforma-se no próprio fim, ou, como diria Maffesoli, o que “*parece desconcertante atualmente é*

---

<sup>1</sup> Utilizo aqui os dados colhidos em minha tese de doutorado Corpo e Identidade Feminina (FFLCH/USP), bem como a amostra, composta por 80 mulheres de classe média-alta que freqüentam a academia de ginástica Cia Atlética, no shopping Morumbi, São Paulo, capital.

*que o corpo é tomado em si mesmo; há uma espécie de culto ao corpo que ganha cada vez mais importância na vida social. Veste-se o corpo, cuida-se do corpo, constrói-se o corpo, e é neste sentido que se pode falar de um culto ao corpo como sendo (um pouco por todo lado do mundo) uma das marcas deste hedonismo”* (Maffesoli, 1998).

Como em todo culto, temos, por um lado, a ideologia que o alimenta (e seus mecanismos de veiculação e sustentação) e, por outro, seus atores. No caso do culto ao corpo, “*Body-building*” ou “*Bodybuilder*” são os termos genéricos utilizados em academias de ginástica e musculação para designar aqueles que, por meio de exercícios, pesos e aparelhos procuram “construir” seu corpo, deixando-o magro, definido, musculoso e rígido.

Independentemente dos termos, o fato é que o corpo e o trabalho muscular estão em toda parte. Segundo Courtine, foi-se o tempo em que ele estava restrito aos estádios e ringues de luta; hoje ele aparece a todo instante pelas telas de cinema, pela televisão e, principalmente, nas ruas: “*Entre a multidão de passantes, os bodybuilders destacam-se por sua forma de andar: braços afastados, cabeça enfiada no pescoço, peito abalado, rigidez, balanço mecânico (...) O corpo do bodybuilder pretende tirar todo o benefício do peso no campo do olhar, saturá-lo de massa muscular. Impor-se no olhar alheio. O músculo marca. Ele é um dos modos privilegiados de visibilidade do corpo no anonimato urbano das fisionomias. O body-builder não anda; ele conduz seu corpo exibindo-o como um objeto imponente”* (Courtine, 1995: 82, 83).

Entre as mulheres, também é fácil identificar quem é ou não “malhada” pelo modo imponente com que estas andam, pelas roupas, normalmente mais justas e que evidenciam os contornos e por decotes, fendas, ombros à mostra, além do olhar, normalmente sedutor e seguro, bem como pela imponência da postura. O desejo deste corpo feminino magro e definido e a cultura visual que irá se desenvolver a partir dele, nos lembra Courtine, é muito antigo, mas explodiu nos E.U.A definitivamente a partir de 1980, quando ocorreu um desenvolvimento considerável do mercado do corpo magro e musculoso e do consumo de bens e serviços ligados à sua manutenção, além de todo um aparato da mídia que nos reforça o tempo todo como este corpo é desejável e necessário. Para ele, todas estas práticas de gerenciamento do corpo, que florescem a partir de 1980, são sustentadas por uma “*obsessão dos invólucros corporais: o desejo de obter a tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo que na aparência pareça relaxado,*

*franzino, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo. Uma negação laboriosa de sua morte próxima” (Courtine, 1995: 86).*

No Brasil, o fenômeno do culto ao corpo explode nos anos de 1990, ou seja, dez anos após seu início nos E.U.A.

Este processo de culto ao corpo não é alvo apenas dos pesquisadores: entre as entrevistadas<sup>2</sup>, em vários momentos, foi citada de forma espontânea, a expressão “culto ao corpo”, seja para criticá-lo, seja para reforçá-lo enquanto mecanismo fundamental de construção da identidade. As entrevistadas estão familiarizadas com a expressão e com o processo em si e surpreendentemente, muitas foram precisas em datá-lo:

*“Olha, eu digo...Mais ou menos, de uns quinze anos pra cá. Mas acho que hoje está mais forte do que há 15, 20 anos atrás” (Mulher 1, 30 anos)*

*“Olha, dos anos 90 pra cá aumentou. É porque antes eu também não era muito ligada, mas eu acredito que dos anos 90 pra cá deu uma guinada, uma aumentada, ou está mais nítido, as pessoas estão falando mais. Mas eu acho que é maior esta ênfase dada ao corpo” (Mulher 22, 32 anos)*

As mulheres entrevistadas indicaram que houve um aumento da importância dada ao corpo entre os últimos 5 e 15 anos, o que compreende o período de 1990 a 2005<sup>3</sup>, exatamente o mesmo percebido entre os pesquisadores da área. Isto se explica por várias razões, mas, de modo geral, as mulheres entrevistadas sentem, literalmente na pele, este desabrochar da cultura física. Muitas não faziam atividades físicas antes deste período, mas se sentiram motivadas a fazê-lo nos últimos quinze anos, e/ou assistiram outras pessoas do seu círculo de relações se iniciando na “malhação”. Também percebem o culto ao corpo através do aumento do número de academias e pelo fato de que se exercitar e cuidar da aparência viraram assuntos, está na mídia, nas conversas, permeia todo universo das entrevistadas. Percebem que a mídia aumentou o número de publicações destinadas ao corpo, bem como a exibição de mulheres bonitas nas novelas e/ou em outros programas televisivos.

---

<sup>2</sup> Os dados foram colhidos no período de 2000 a 2004.

<sup>3</sup> É claro que este processo se prolongará ainda por muito tempo, mas o corte temporal foi o ano de 2005, quando foram realizadas as últimas entrevistas de campo.

Vejam as principais justificativas das mulheres pesquisadas para explicar o fenômeno do culto ao corpo. São elas: importância do momento presente, da técnica e do esforço individual; importância do corpo na conquista de parceiros sexuais e no mercado de trabalho; exposição e desnudamento constante do corpo; existência de modelos de beleza rígidos que culminam no culto á perfeição física; excessiva cobrança social da sociedade pela beleza e influência da mídia e da moda<sup>4</sup>.

#### EXISTÊNCIA DO CULTO AO CORPO E SUAS JUSTIFICATIVAS PARA AS ENTREVISTADAS

Quando questionadas se percebem um processo de culto ao corpo e por que ele ocorre, de imediato 88% afirmou, sem titubear, que sim. Segundo elas, boa parte das mulheres passa a viver em função disto, procurando emagrecer e se submeter às plásticas.

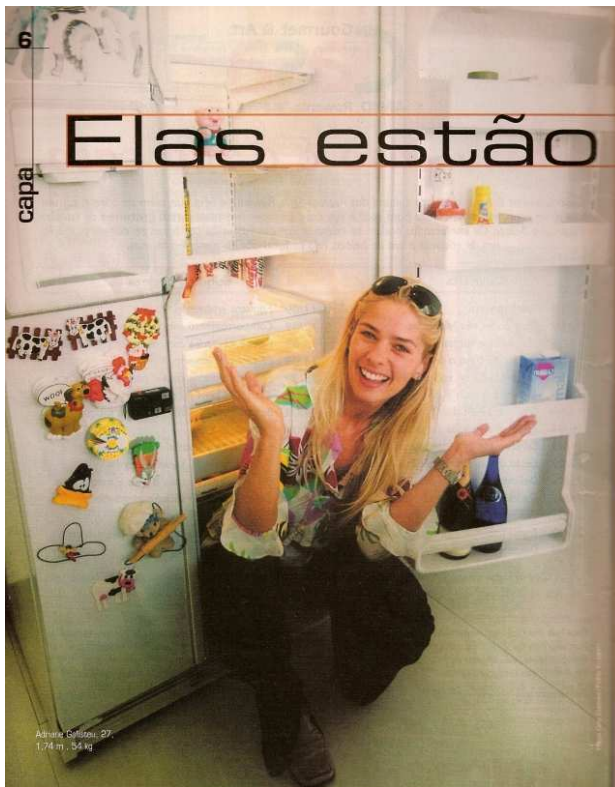
No que este processo se diferencia da cultura física iniciada da década de 1920? Em vários aspectos, mas em linhas gerais, o culto ao corpo atual se diferencia do passado principalmente em termos de ênfase. É claro que a beleza sempre foi importante, mas ganha uma dimensão avassaladora após os anos de 1980. Vários motivos explicam este fenômeno: a globalização, as melhorias técnicas na área de cosméticos, alimentos e aparelhos de ginástica, os recursos imagéticos e sua penetração em todas as classes sociais, o fato da mulher cada vez mais ingressar no mercado de trabalho e ter renda e autonomia para se dedicar a investimentos estéticos, dentre outros.

Não será nosso objetivo aqui listar e explicar exaustivamente todos os motivos do culto ao corpo, mas sim debater alguns deles e mostrar como o corpo vai assumir um lugar privilegiado nas referências simbólicas de nossa cultura. Segundo Del Priori, *“Uma radicalização compulsiva e ansiosa a empurrou nos últimos dez anos, e a segue empurrando para a tríade abençoada pela mídia: ser bela, ser jovem, ser saudável! Graças à supremacia das imagens, instaurou-se a tirania da perfeição física. Hoje, todas querem ser magras, leves, turbinadas. Num mundo onde se morre de fome, grassa uma verdadeira lipofobia”* (Del Priori, 2000: 79).

---

<sup>4</sup> Não analisaremos aqui a importância da mídia e da moda porque excederia os limites desta comunicação. Tais itens foram desenvolvidos no artigo “Mídia e espetáculo no culto ao corpo: *o corpo miragem.*”, publicado na Revista Sinais, n.2, NEI (Núcleo de Estudos Idiciários), DCSO, UFES.

Ter uma mesa farta deixou de ser motivo de orgulho e alguns dos indicadores deste extremado culto à forma física são a geladeira e as prateleiras da dispensa vazias<sup>5</sup>. São comuns reportagens televisivas ou escritas que, à semelhança dos *reality shows*, invadem a residência de famosos e mostram como estes aderem à parca alimentação,



Tudo parece perfeito e no lugar, mas as deusas não se conformam: a ordem é aumentar os músculos, secar as gorduras e turbinar os peitos



exibindo geladeiras sem nenhuma comida caloria, apenas com água, yogurtes, saladas, como mostra a Figura 1.



Quando questionadas se percebem um processo de culto ao corpo e porque, obtivemos as seguintes classificações:

**a) IMPORTÂNCIA DO MOMENTO PRESENTE, DA TÉCNICA E DO ESFORÇO INDIVIDUAL.**

Uma, entre várias entrevistadas, afirma: “*Você vê pessoas que se drogam, tomam anabolizantes,*

*duro do eterno regime se produz justamente no seio da chamada Sahlins, 1968), quando a sociedade não só produz o necessário à sua ário, caracteriza-se pela constante produção de excedente. Ver M. d’abundance”, in: Les Temps Modernes, outubro de 1968.*

*esteróides, pelo corpo, e esquecem da saúde, isto também é um culto ao corpo, porque esquecem que amanhã isto pode prejudicar muito, porque não pensam no que vai fazer mal, só pensam no agora, ficar bem bonita agora, mas depois eles vão ver as conseqüências, porque só pensam no **agora**, no que tão fazendo **agora**” (Mulher 24, enfatizando a palavra em negrito).*

Esta fala aponta para dois pontos importantes: o primeiro que o culto ao corpo está ligado ao que Maffesoli chamou de presenteísmo (Maffesoli, 1998), ou seja, a demasiada primazia do presente na contemporaneidade: vive-se para o agora, para o instante imediato; a tradição, tão rica no período anterior à contemporaneidade, é descartada e o futuro está demasiado longe para se pensar nele. Nas conversas informais com as entrevistadas, muitas reforçaram este dado, quando questionadas sobre as conseqüências de atitudes como regimes extremos, bronzeamento artificial, uso de drogas para emagrecer ou mesmo de anabolizantes, afirmando que não vale a pena se preocupar demais com os seus efeitos nocivos em longo prazo, que o importante é estar bonita agora. O outro ponto que merece destaque é que a entrevistada aponta para um dado que se repetirá e é fundamental para se entender a modernidade e o processo de culto ao corpo: a questão da técnica.

Três outras entrevistadas (escolhidas entre outras) ressaltam este ponto:

*“Culto ao corpo? Eu acho que hoje em dia, bastante...tem cirurgia plástica, né? Botox. Essas coisas acabam deixando a pessoa mais ligada, né?”*  
(Mulher 60, 40 anos)

*“As salas de musculação, se você for ver, o que tinha antigamente e o que tem hoje, hoje você tem aparelhos que você põe a chave e ele te diz o que você tem que fazer, a tecnologia auxilia, dos aparelhos de musculação, e mesmo de som, hoje a coisa é muito mais rica do que quando eu dava aula”*  
(Mulher 14, 34 anos).

Courtine (1995) reforça a importância da técnica e do comportamento regrado na construção corporal do *bodybuilder* após os anos de 1980. Segundo ele, o desenvolvimento do mercado do músculo e do consumo de bens e serviços destinados à manutenção do corpo, além de toda uma tecnologia do suor (“*hight-tech sweat*”), são alguns dos itens que diferenciam as práticas atuais das antigas práticas de musculação e

que neste sentido, marcam um processo de culto ao corpo diferente de outros processos ligados ao corpo no passado. Segundo ele, a tônica da atualidade é que é preciso “*sofrer se distraindo: a sofisticação eletrônica do material quer fornecer novos meios para favorecer a constância exigida pela disciplina e combater a dor do esforço e também o tédio da rotina*” (Courtine,1995: 84).

Outra pesquisadora, Sylvie Malisse<sup>6</sup> (Malisse: 160, *apud* Del Priori, 2000:91), afirma que, a partir dos anos de 1970, junto com as bonecas *Barbie* chegaria ao Brasil o *body bussiness*, ou seja, máquinas e técnicas do corpo que promoveriam um *marketing* de vivências corporais e passaríamos de uma estética feminina à uma ética feminina, ética que obrigaria a mulher a responsabilizar-se por seu próprio envelhecimento e a consumir produtos e técnicas para evitá-lo. A mulher passa a ser responsabilizada por sua imagem e cobrada por ela, reforçando assim estereótipos e construções de gênero. Ela incorpora que uma das suas responsabilidades, enquanto mulher, é ser bonita.

Esta associação entre técnica e *marketing* corporal é claramente visível na academia de ginástica *Cia Athlética*. Há um grande investimento no aparato técnico, seja dos equipamentos de ginástica em si (esteiras, *transport*, bicicletas, aparelhos de musculação), seja de televisores e circuitos integrados de televisão que permitem monitorar todo o ambiente da academia. Recentemente, a academia adquiriu esteiras com monitor de televisão de tela plana acoplado, ou seja, é possível caminhar na esteira assistindo à televisão, fixada na altura certa dos olhos e é individual, cada esteira tem a sua. Você pode sintonizar o canal que quiser e se exercitar/distrair ao mesmo tempo. Nas academias mais sofisticadas, as máquinas de exercício têm entrada para uma chave própria de cada aluno, que registra todas as informações sobre o que ele deve fazer e do que efetivamente foi feito, além da supervisão constante dos instrutores. Tudo isto parece nos dizer que a tecnologia para obtenção de um corpo perfeito está disponível, você só não a utiliza se não quiser. E pior, também só não conquista um corpo perfeito se não quiser. Desta forma, atribui-se a conduta do aspirante a portador do corpo

perfeito consegui-lo ou não. A estética se vale do discurso da ciência e se legitima por ele, como mostra a Figura 2.

**Figura 2 - Tecnologia e corpo**

<sup>6</sup> Sylvie Malisse, “A la recherche du corps idéal – culte féminin du corps dans la zone balnéaire de Rio de Janeiro”, *Cahiers du Brésil Contemporain*, 31, sem data.

Outro pilar que sustenta a ideologia do corpo perfeito é que o mesmo passa pelo esforço do **indivíduo**, ou seja, a ênfase de que o indivíduo sozinho, utilizando-se de aparelhos, pesos, muita ginástica, alimentação e produtos químicos pode construir seu corpo ideal, tão veiculado e reforçado pela mídia. Ou seja, ele não precisa e nem deve “se conformar com o que Deus lhe deu”, já que, com seu esforço, ele pode corrigir o que não corresponde ao padrão cultural de sua época e lugar. Estamos na era da **tecnologia do suor** (*high-tech sweat*) e, através dela, acredita-se que podemos escolher o corpo que queremos ter: “*Você pode se tornar a pessoa que sonha ser*’, dizem os *body-builders*. *Você pode desafiar ao mesmo tempo o inato e o adquirido e fazer de você um outro*” (S. Fussel, 1991: 73).

A ideologia que se vende aos adeptos do culto ao corpo é que o indivíduo, ele e somente ele é quem vai prestar contas ao olhar **crítico** e hierarquizante de seus pares, além de se submeter ao escrutínio da fita métrica, da balança e do espelho em um processo que exige dele uma conduta ascética, racional e individualista. E mais, além de ser produto do esforço individual, passa pela conquista de um corpo que só ele vai ter e, posteriormente, da forma física como veículo de afirmação de *status*, conquista de parceiros sexuais em mesmo nível estético e inserção social. Goldenberg e Ramos também apontam que, para se atingir a forma ideal e expor o corpo sem constrangimentos, é preciso investir na força de vontade e na autodisciplina, como reforçam, inclusive, as revistas de estética.

É como se a possibilidade de construir um corpo ideal, com o auxílio desta tecnologia do suor se confundisse com a construção de um destino, de uma obra. Kélh (2002) cita um entrevistado, frequentador de academias de ginástica: “*Hoje eu sei que posso traçar o meu próprio destino*”, associando o aumento de seu volume muscular à conquista de respeito por si mesmo. Outras entrevistadas também ressaltam que o indivíduo pode e deve recorrer a todos os recursos técnicos disponíveis para a obtenção do corpo perfeito:

*“Passa muito pelo esforço do indivíduo. Eu não acho que passa um pouco. Depende de mim se eu quero ter um corpo magro e saudável ou não. Tanto o homem quanto a mulher, hoje é feio quem quer, hoje todo mundo usa aparelho nos dentes, todo mundo tingi o cabelo... Antigamente diziam “Não, não vou usar aparelho, é muito caro, não é possível pra minha*

*“pessoa”, hoje é só você querer que é possível sim, você tem que investir, isto tem que estar claro pra você.” (Mulher 64, 49 anos).*

*“Exige vontade, exige disciplina, exige perseverança, porque às vezes, você tá cansada, você não tá com a mínima vontade de vir, aí exige perseverança, você fala, ‘não vou ir, nem que eu peque um pouco mais leve’, vai da insistência. Ginástica... se você não insiste, se você não coloca uma vontade, você não faz, você vem um dia, fica duas semanas sem vir...” (Mulher 49, 27 anos)*

#### **b) IMPORTÂNCIA DO CORPO NA OBTENÇÃO DE PARCEIROS AFETIVOS E NO MERCADO DE TRABALHO:**

Outro motivo fundamental para que haja um culto ao corpo é, segundo as entrevistadas, a importância que o corpo assumiu na obtenção de parceiros afetivos e melhores empregos. Somente 11 % declararam que a aparência física influi pouco. Para 29% ela é importante na escolha e para 59%, beleza e aparência são relativas na escolha dos parceiros. No entanto, estas porcentagens devem ser vistas com algumas ressalvas, principalmente a faixa de 59%, que responderam “mais ou menos”.

Isto se deve a vários motivos, que só puderam ser detectados com as entrevistas gravadas. Algumas mulheres responderam “mais ou menos” porque já eram casadas há algum tempo, conheceram seus maridos e se apaixonaram, ainda que eles não fossem considerados por elas bonitos. Outras responderam que mais ou menos no questionário fechado, mas depois na entrevista admitiram que a aparência física conta muito:

*“Ficava chato responder isso, me senti fútil, preferi por só mais ou menos (Mulher 70, 30 anos)”*,

*“Na escolha de parceiros afetivos? Ah, acho que todo mundo tenta dizer que não, mas no fundo você não vai querer uma pessoa horrível, acho que é legal e tal a personalidade, é isso que conta mesmo, mas também não pode ser uma pessoa muito feia. Tem que ter uma atração física também” (Mulher 5, 22 anos).*

Outras foram enfáticas quanto á importância da aparência na escolha de parceiros:

*“É, na escolha dos parceiros, eu sempre digo pras adolescentes que o homem não vai atrás da mulher pela beleza interior, ele depois descobre a beleza interior, se ela é, intelectualmente satisfatória pra ele. Mas a primeira coisa que chama atenção, é o físico, sem dúvida, se olha pra mulher, alguma coisa te encanta (...) O cara vai olhar pra matrona? Dificilmente. (...)” (Mulher 44, idade não declarada).*

*“Para encontrar um companheiro eu acho que sim. É quase um pré-requisito” (Mulher 19, 51 anos)*

Vale lembrar que hoje o contato corporal entre os parceiros é muito mais intenso e direto do que nas décadas anteriores. Na década de 1920, um rapaz e uma moça que iniciassem um namoro tinham pouco contato físico antes do casamento, sendo vigiados por parentes, em geral, da moça. Conversava-se muito antes de um envolvimento mais físico, ao contrário do que ocorre hoje. Se há algumas décadas atrás as afinidades morais, intelectuais e mesmo de assuntos comuns podiam até compensar detalhes da aparência, hoje isto é bem mais difícil de ocorrer. As pessoas jovens se encontram em “baladas”, onde o corpo e a aparência figuram como primeiros mediadores. É de praxe “ficar” logo no primeiro encontro, sendo, portanto, mais difícil “abstrair” o corpo do outro. Desta maneira, os padrões corporais acabam tendo maior importância que tinham no passado, pois funcionarão como “iscas”, atraindo ou não potenciais parceiros.

Percebemos também nos depoimentos que a beleza é hoje uma espécie de capital simbólico que agrega representações de sucesso e de *status*, ou, como definiu Pierce (s/d), um “indicador” de pessoa bem-sucedida. A beleza vira mercadoria, passível de ser comprada através de diversas técnicas, e mais do que tudo, desejada, contemplada. Todos querem ser belos e/ou, ter ao lado pessoas belas. Hoje, ter um corpo malhado é um sinal de *status* e, num cenário em que os casamentos não são mais arranjados como eram na aristocracia, nem dependem tanto de nomes e sobrenomes. Em tempos de culto ao corpo, apela-se para a beleza. Ou, como diria uma das entrevistadas:

*“Se você anda com uma pessoa bonita as outras pessoas te olham de uma maneira diferente, se a pessoa é bonita elas te olham diferente. No meu caso conta [a aparência na escolha dos parceiros], eu sou honesta em dizer, no meu caso conta, com certeza” (Mulher 10, 26 anos)*

Numa época em que vigoram as tiranias da aparência, ser “apenas” boa mãe e esposa não basta, cabendo às mulheres se adequarem aos padrões estéticos estabelecidos. Assim, parte do prestígio social da mulher advém de sua aparência e parecido com o que Saffioti<sup>7</sup> afirmou, mas, invertendo os termos, os homens também se beneficiam da imagem física de suas esposas ou companheiras, configurando uma atitude de *status* reflexa: o embelezamento das mesmas confere prestígio ao homem, pois ao circular com elas nos meios sociais que cobram beleza, eles se afirmam como *viris* (conquistaram e mantiveram mulheres bonitas), bem sucedidos (capazes de manter economicamente a casa e ainda permitem que a mulher possa “se cuidar”- e “se cuidar” será interpretado pelas mulheres como “estar bonita”). Vejamos como mulheres que optaram por não trabalhar fora em razão do casamento comentam o peso da beleza:

*“Meu marido paga minha academia (...) Porque quando você está bem fisicamente, você coloca uma roupa, fica melhor, o teu marido te elogia (...). Meu marido me dá total apoio, porque é bom também pra ele ter uma mulher bonita ao lado, todo mundo gosta” (Mulher 14, 34 anos)*

*“Meu marido gosta de me ver sempre arrumada e cobra de mim atividade física, até paga minha academia. Qual homem não gosta de estar com uma mulher bonita?” (Mulher 70, 30 anos)*

Em todos os casos mencionados acima, a academia é paga pelo marido. Nestes casos, se a mulher “dona-de-casa” usufrui da renda aferida pelo marido, ela também ingressa/permanece na relação com outros capitais – todos eles construídos culturalmente e nas relações de gênero: as aptidões para ser boa mãe, administrar a casa e ser bela, pois a beleza se tornou um dos capitais simbólicos da mulher contemporânea.

A pesquisa questionou também a importância da aparência física no mercado de trabalho. Para 59% das entrevistadas, há uma associação direta entre aparência e

---

<sup>7</sup> A autora assinala que a mulher na sociedade de classes capitalista oscila entre aderir aos papéis construídos (e ao *status* associado ao segundo – que Saffioti chamou de “*status* reflexo do marido”) de “mulher economicamente ativa” ou como “mãe de família ‘ociosa’ (do ponto de vista do sistema dominante de bens e serviços), que goza do *status* reflexo do marido” (Saffioti, 1979: 356).

mercado de trabalho, ou, como disseram as entrevistadas, quando não é decisiva<sup>8</sup>, ao menos, abre portas:

*“Ela é o cartão de visita, então acho que você tá fazendo entrevista pro trabalho, se você não tá legal esteticamente, você não se cuida, você passa desleixo, você é obeso, você passa uma coisa negativa, põe o cara não se cuida, então isso deve influenciar no trabalho (...)” (Mulher 49, 27 anos).*

*“Ah sim, eu não achava tão importante, mas eu tenho uma amiga que...ela não é bonita (...) e ela foi recusada, não aceitaram ela no trabalho dizendo que ela é feia, então assim, é muito importante.. Uma pessoa bem vestida, uma pessoa bem arrumada que sabe falar direito e tá bem com o corpo, sabe, magra, com certeza tem mais oportunidade (...)” (Mulher 41, 19 anos)*

As falas ressaltam que ter corpo e rosto bonitos é tão importante quanto ser competente, pelo menos num primeiro momento. Escolhe-se o candidato também se levando em conta sua apresentação pessoal; assim, duas pessoas com a mesma formação não têm necessariamente a mesma chance, o de melhor aparência vence a disputa. Se o trabalho envolver atendimento ao público, a beleza se torna ainda mais importante, pois se acredita que ela vai atrair o cliente, que depois, pode se interessar pelo produto. Se o trabalho desenvolvido estiver ligado ao corpo, como no caso dos professores de ginástica, esteticistas, nutricionistas, terapeutas corporais, etc, ele é fundamental, muitas entrevistadas disseram que o corpo é o próprio cartão de visitas e que ter um corpo malhado lhes confere legitimidade profissional:

*“Eu acho que a aparência influi sim no mercado de trabalho. Eu acho que as pessoas que dizem que não, não estão sendo verdadeiras. Eu fui fazer uma vez uma entrevista numa academia e a gerente falou assim pra mim: ‘Veio uma outra professora de balé, mas ela era gorda’, ela nem quis saber o currículo da professora. Ela foi muito clara, ela falou que não tinha contratado a pessoa porque ela era gorda, na academia tem isso, vendedora...” (Mulher 22, 32 anos)*

---

<sup>8</sup> Segundo informações de uma comissária de bordo que trabalha para uma empresa de aviação brasileira, a direção da mesma informou aos seus funcionários, em especial, para as funcionárias, que o novo uniforme seria confeccionado somente até a numeração 42 e deu um prazo de três meses para que as funcionárias acima desta numeração reduzissem seu peso, sob pena de demissão ou diminuição da escala de trabalho das que não se adequassem à nova silhueta.

*“Ah, eu acho, imagem é tudo, pelo menos na minha profissão; eu pelo menos não consigo ser tratada por uma pessoa... feia, digamos. Eu não conseguiria ser tratada por um terapeuta gordo demais, que fosse descompensado, até porque a minha linha é terapia corporal (...) É muito difícil você contatar um personal gordo, só se você soubesse que a pessoa tem um currículo muito bom, porque imagem é tudo” (Mulher 34, 33 anos).*

Mas, de todos os motivos que tentam explicar o culto ao corpo, os mais significativos, ao meu ver, se relacionam aos seguintes temas: exposição do corpo, existência de modelos de beleza, culto à perfeição, competição e, sobretudo, a mídia.

### **c) EXPOSIÇÃO DO CORPO.**

A intensa exposição do corpo foi largamente citada e 53% da amostra julgou-a exagerada e 43% julgou intensa, o que totaliza 96% da amostra:

*“Acho que até por conta da exposição do dia-a-dia, a pessoa está mais exposta, as roupas, blusinha curtinha, regatinha, calça mais apertada, em função disto” (Mulher 2, 31 anos)*

*“Existe sim. Eu acho que conforme foi se mostrando o corpo, foi diminuindo a roupa, você vai cuidando mais do corpo, você vai a praia e vê os biquínis cada vez menores, as pessoas mostram cada vez mais o corpo, então você tem que estar em ordem pra que todo mundo olhe pra você e veja e digam “olha, tá toda trincada”, como dizem. A mídia contribui muito. Sempre vê alguma coisa de estética. ” (Mulher 7, 39 anos).*

De fato, basta observarmos ao redor para constatarmos que as roupas estão cada vez menores<sup>9</sup>, e não apenas roupas de banho, as roupas cotidianas diminuíram progressivamente de tamanho. Se nos remetermos aos séculos anteriores aos séculos XX e XXI, esta mudança é radical. Mas mesmo se reduzirmos o universo da comparação aos últimos dois séculos, temos o advento da mini-saia nos anos sessenta e nos anos setenta o biquíni de duas peças, que utilizado por Leila Diniz chocou boa parte da sociedade da época. Comparado aos biquínis de hoje, ele seria, no mínimo,

---

<sup>9</sup> Citar reportagem a argentina

considerado gigantesco. Dos anos de 1990 pra cá as calças de cintura baixa fazem total sucesso e a cada ano, estão mais baixas. Os tamanhos diminuem nas lojas, como dizem duas das entrevistadas:

*“Os números das lojas de roupa estão sempre cada vez menores, cada vez que você chega lá a numeração , é menor, é menor” (Mulher 62, 27 anos)*

*“Você vai às lojas e as lojas têm sempre manequins menores, você vai, acha a roupa linda, mas você não consegue entrar, porque realmente as roupas vão diminuindo, hoje o estereótipo é o da mulher magra, das modelos, magras, magérrimas.” (Mulher 37, 33 anos).*

A indústria da moda diminuiu e apertou o tamanho das roupas e, ao mesmo tempo, associou a elas uma áurea de beleza; então, quando a mulher vai às compras, se precisar de tamanhos um pouco maiores, precisa recorrer a lojas especializadas. Foi-se o tempo em que só aqueles considerados obesos precisavam comprar roupas em lojas que lhes fornecessem um tamanho adequado. Devido à estas mudanças nos padrões das roupas, é possível que mulheres não obesas, dentro de uma média de peso e altura considerados “normais”, não consigam comprar roupas “G” em lojas de departamento, pois o “G” de hoje é semelhante ao “P” de dez anos atrás. Segundo Proust, *“mostra-se cada vez mais o corpo: cada etapa desse desnudamento parcial começa provocando certo escândalo, depois se difunde rapidamente e acaba se impondo, pelo menos entre os jovens, aumentando a distância das gerações (...) Mostrar os seios e as coxas deixa de ser indecente. E nas cidades, durante o verão, vêem-se os homens de bermuda, camisa aberta ou tronco nu. O corpo não é apenas assumido e reabilitado: é reivindicado e exposto à visão de todos”* (Proust, *op.cit.*: 105).

Além disto, há uma correlação entre o fato do Brasil ser um país tropical sendo, portanto, maior aqui a exposição do corpo, incentivando o culto ao corpo, como bem indicam as mulheres:

*“Eu vou muito aos Estados Unidos e eu vejo isso perfeitamente, o que eu vejo de gente mais gorda, mais obesa, só que lá a preocupação com o corpo e com a auto-estima não é tanto como no Brasil, talvez por ser um país tropical, onde as mulheres estão com menos roupas, mais expostas, é mais quente, o brasileiro é um povo mais sensual, então eu sinto isso, da auto-*

*estima ter crescido com relação ao corpo, a valorização do corpo, mas isso é uma coisa muito forte do Brasil” (Mulher 16, 36 anos)*

*“É uma coisa meio, não sei, falando do Brasil, eu conheço um pouco porque eu viajo, nos lugares que eu conheço não é tão assim, aqui a gente dá um valor exagerado, exacerbado com o corpo, acho que tem a ver com este culto da juventude e da beleza. Aqui no Brasil existe essa sensualidade, é país tropical, então o corpo está sempre exposto (...) a gente cultua a beleza física...tudo! A juventude e a beleza. Aqui a beleza e a juventude contam muito para se ter um companheiro” (Mulher 31, 54 anos)*

O que constatei é um círculo vicioso: como as roupas estão menores e o corpo está na ordem do dia, este fica mais exposto. Ora, o que é mais visível, pelo menos na nossa cultura, deve ser mais bonito, então a maior exposição do corpo faz com que ele se transforme em alvo das atenções e, portanto, num objeto cultuado. Cultua-se a aparência e/ou beleza e investe-se em mecanismos para se alcançar o padrão de corpo veiculado, seja através da malhação, seja através de dietas. Só que, uma vez alcançado este formato de corpo, o que fazer com ele? Escondê-lo? Pelo contrário: na medida em que o corpo vai ficando mais bonito, você também quer expô-lo mais. Este é um dos pontos centrais da cultura do corpo e central para nossa reflexão. Como a identidade é sempre um mecanismo construído no embate de relações, o que eu sou e o que eu penso de mim não existem independentemente do modo como os outros me vêem e, ao fazê-lo, não só me vêem, mas me avaliam. Então o corpo malhado é fundamental para a auto-estima das pessoas, para que elas sintam-se, como dizem as entrevistadas, “bem consigo mesmas”, mas isto só alcança sua real importância se visto e admirado pelos outros, daí a necessidade de exposição.

Ou seja, se é verdade que a exposição leva a um culto ao corpo, o contrário também é verdadeiro: faz parte da própria ideologia do culto ao corpo que o mesmo é plástico, passível de ser remodelado com exercícios e dietas e que, quando isto acontece, o corpo passa a ser passível de exposição. Aliás, é ainda mais complicado: para boa parte das entrevistadas o corpo só pode ser exposto se estiver malhado:

*“Eu acho que à medida que o corpo melhora, a gente vai descobrindo [no sentido de tirar a roupa] mais ele. Quando a gente começa, quer esconder um pedaço da barriga, mas depois, você vai vendo que tá melhorando, que*

*já não tem mais barriga, você vai se expondo. A gente começa com aquela camiseta grandona (risos), aí você vai diminuindo o tamanho dos tops e se mostrando mais” (Mulher 69, 45 anos)*

*“Aumentou bastante a exposição do corpo, e você tem que estar malhado para expor” (Mulher 2, 31 anos)*

É interessante notar que em todas as falas aparece a mesma idéia, ou seja, de que o corpo deve estar **pronto** para ser exibido, no sentido de estar “malhado”o suficiente. Esta visão do corpo é profundamente diferente da idéia professada por Bakhtin (1987), que considera o corpo medieval em sua essência inacabado, contento em si imperfeições e falhas, e estando, da mesma forma que o mundo, em permanente construção. Ele não era limitado por uma fachada externa perfeita. Nada mais distante da concepção atual que postula que o corpo deve ser exposto só quando estiver bonito o suficiente para isso. A idéia de “pronto” remete aqui à idéia de perfeito, como veremos a seguir.

#### **d) MODELOS DE BELEZA E CULTO À PERFEIÇÃO.**

Outro dado que aparece nas entrevistas e que confirma a dificuldade de estabelecer a ordem dos fenômenos é a questão da perfeição, muitas vezes citada para se explicar o próprio culto ao corpo.

*“Ah, muita cultura da perfeição. Existe, nossa, muito, muito. Ainda mais em quem faz ginástica, quer que a pessoa que esteja do lado seja perfeita, hoje em dia está todo mundo malhando, até de madrugada, tenho amigos que trabalham o dia todo e são triatletas, e muitos cobram das esposas que trabalham, que têm filhos e não conseguem ir á academia, enchem o saco delas, cobram muito delas porque são gordinhas, tem celulite. Eu vejo muito na minha turma que as mulheres são cobradas para estarem bem” (Mulher 14, 34 anos).*

*“Esta busca da perfeição, o que influencia muito isso é a publicidade, que a gente tem hoje, você vai a qualquer avenida, você vê a quantidade de outdoor, o mercado publicitário cada vez mais investe em mulheres bonitas para poder divulgar os seus produtos (...) isto influencia muito a busca perfeição, a busca pelo ideal, pelo corpo” (Mulher 54, 26 anos)*

Podemos perceber que no processo de culto ao corpo, meio e fim se confundem, tamanha é a supremacia dos modelos estéticos. É preciso estar bela, ou até mais do que bela, perfeita. E o que é ser perfeita? Uma das entrevistadas (Mulher 14, 34 anos) diz que os próprios maridos cobram a perfeição das esposas, mas estas são gordas, têm celulite. Então, por oposição, a mulher perfeita é a magra, sem celulite. E também sem estrias. Com seios duros, levantados e grandes. Com o corpo malhado e tonificado, com nádegas arredondadas e firmes. Cabelos impecáveis, rosto sem rugas. Pele uniforme, lisa. Cintura fina. Ou seja, mulheres com um corpo e um rosto que nunca envelhecem, apesar da idade; não perdem as formas, mesmo depois de vários filhos; cujos cabelos são sedosos e brilhantes, mesmo com o passar dos anos. A cultura da perfeição dissolve as marcas do tempo e proclama o triunfo da técnica e da padronização sobre o eu: se o seio caiu, levante-o com plásticas, você pode ter um seio melhor do que tinha aos 18 anos. Com *botox*, você se livrará das rugas de expressão; você malhou bastante, mas não conseguiu uma cintura de pilão? É só tirar as costelas! O corpo da atriz de televisão é o que você sempre quis? É possível com plásticas. Engordou por causa dos filhos e a rotina não permite exercícios? Faça de madrugada. Somos compelidas a alcançar um padrão estético que muitas vezes não tem nada a ver com a estrutura do nosso físico, ou com a nossa idade: é o padrão das modelos, ou, como disse uma entrevistada, temos que ser todas iguais a Daniella Cicarelli (modelo e atriz de televisão). A beleza está na mídia, na moda, nos *outdoors* e, mais que um direito, é hoje um dever. A feiúra constrange, envergonha. Isola. Ou, como diria a mulher 11, “*a sociedade discrimina quem é feio, quem tem um corpo feio*”. E como os parâmetros estão cada vez mais altos, qualquer detalhe já é o bastante para que sejamos vistos como não-perfeitos: uma gordurinha ínfima sobrando, dois ou três quilos a mais, um bumbum com um pouco de celulite e alguma flacidez, vincos na pele, seios tamanho médio... Ser saudável e bonita não basta, é preciso ser perfeita. Mesmo que para isso seja preciso recorrer a plásticas: c

*“Para algumas criaturas virou neurose, se retalham todas e saem tentando lipoescultura, para modificar tudo” (Mulher 42, 66 anos).*

Algumas entrevistadas reforçam a existência destes padrões estanques de beleza e a influência dos mesmos no processo de culto ao corpo:

*“Eu acho que sim, total. É um padrão de beleza pra massacrar né, eu acho que as meninas sofrem muito com isso, porque a brasileira não tem este*

*corpo que é exigido, de quadril estreito, aí elas querem diminuir o quadril, aumentar peito, bem diferente do corpo da brasileira, eu acho que é um padrão de beleza que faz as mulheres sofrerem muito” (Mulher 19, 51 anos).*

*“Com certeza, com certeza. Com certeza você tem hoje um padrão estético que é um padrão físico (...) que faz com que a maioria de nós, mulheres, todos nós, alguns tem uma graça divina que não se deixam tocar por isso, mas a maioria das pessoas de alguma forma se sente tocada. Se você não está dentro deste padrão que na verdade é retocado pela mídia, você... está excluído.” (Mulher 30, 51 anos)*

*“Eu acho que são os padrões, você tem modelos magérrimas, a mídia mostrando mulheres sensuais, nos comerciais, na TV, então você estabelece padrões e aí quem está fora deste padrão não é aceito socialmente, então eu acho que vem daí, de ser aceito socialmente. E quem estabelece este padrão é muito a comunicação” (Mulher 16, 36 anos)*

Há uma evidente descartabilidade de pessoas que pareçam envelhecidas ou “fora de esquadro” e uma luta constante para dissimular os indícios corporais que atestem este afastamento da juventude ou do padrão que caracteriza o corpo perfeito. Talvez esta busca do corpo “perfeito”, aliada à percepção de que ele possa ser algo construído, sejam algumas das razões não só da preocupação de uma faixa etária mais jovem com o corpo, mas inclusive para o aumento da frequência da terceira idade nas academias de ginástica, conforme comprovei através da pesquisa de campo.

Featherstone (1992) afirma que a cultura do consumidor prende-se a uma concepção autopreservacionista do corpo que encoraja os indivíduos a adotarem estratégias instrumentais para combater a deterioração e a decadência, e agrega a essa concepção a noção de que o corpo é um veículo do prazer e da auto-expressão. Neste sentido, Debert (1999) afirma que os idosos possuem maior disponibilidade para o consumo e que parte deste potencial é aplicado na transformação corporal, já que esta auxiliaria à construção de uma auto-imagem e de um reflexo mais positivo de si para a sociedade envolvente. De toda forma, disciplina e hedonismo se combinam na medida em que as qualidades do corpo são tidas como plásticas e os indivíduos são convencidos a assumir a responsabilidade da sua própria aparência. A publicidade, os manuais de

auto-ajuda e as receitas dos especialistas em saúde estão empenhados em mostrar que as imperfeições do corpo não são naturais nem imutáveis e que, com trabalho corporal disciplinado, pode-se conquistar a aparência desejada; as rugas ou a flacidez se transformam em indícios de lassitude moral e devem ser tratadas com a ajuda de cosméticos, da ginástica, das vitaminas, da indústria do lazer.

Sabino (s/d) afirma que nas academias brasileiras o consumo de anabolizantes e a prática constante de exercícios físicos fazem parte do processo de construção ritual da pessoa, cuja lógica central passa pela transformação física do corpo.

Falar em “ritual” remete-nos à clássica obra de Turner, O Processo Ritual (1974), em que o autor nos mostra que uma das chaves centrais para o entendimento de qualquer cultura reside nos ritos, já que os mesmos são indícios para a compreensão de pensamentos, sentimentos e relações entre os nativos e o seio de suas comunidades. Entre os vários ritos sociais, destacam-se os chamados “Ritos de Passagem”, ou seja, “*ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social de idade*” (Arnold Van Gennep, 1960, *apud* Turner, 1974). Tais ritos caracterizam-se por três fases: 1) Separação, 2) Margem, ou *limem* e 3) Agregação. A primeira fase marca o afastamento do indivíduo (aqui chamado de “neófito”) de um determinado grupo ou ponto fixo na estrutura social. A segunda marca o processo de transição, quando o neófito inicia o lento aprendizado das regras, valores e linguagem do grupo ao qual quer ascender. A terceira fase consuma a passagem e reintegra o indivíduo no grupo, fazendo com que o mesmo assuma os direitos e deveres de sua nova posição.

Ou seja, dentro do grupo dos malhadores, podemos perceber claramente as fases descritas por Turner: As mulheres, ao ingressarem em uma academia, desejam construir um corpo magro e levemente musculoso, para se separarem e se contraporem ao grupo das “não-malhadas”, “gordas”, “desleixadas”. Elas querem sentir-se integradas e aceitas em uma sociedade que valoriza a forma física como referencial de status e sucesso. Ela tentará, a partir de então, adequar seu corpo à forma correspondente dos novos papéis que deseja assumir. Assim, ela separa-se do grupo das sedentárias, o que corresponde à primeira fase do processo ritual, qual seja, a “separação”.

Durante a segunda fase, ela encontra-se num processo de “liminarietà”. Ela ainda é uma neófita e precisa aprender as regras do grupo, que no caso, envolve praticar exercícios com regularidade, consumir produtos específicos, manter uma dieta

alimentar, conhecer o nome das aulas, enfim, socializar-se no campo da musculação e dos outros setores das academias. O processo é permeado de rituais, que envolvem vestimentas, condutas, dialeto próprio, enfim, toda a manipulação de um universo instrumental e simbólico, que não está livre nem mesmo da já consagrada “eficácia simbólica” (Lévi-Strauss, 1991), ou seja, do poder, que é próprio do rito, de atuar sobre a realidade agindo sobre a representação que estes indivíduos fazem da realidade. Quem é adepto de exercícios físicos sabe que a simples realização do treino previsto já dá ao praticante a sensação de ter melhorado seu corpo, ainda que ele saiba que os resultados não são tão rápidos assim. Mas, ao menos, ele sente que fez a sua parte quanto ao corpo, é como dizem as entrevistadas, “uma missão cumprida”. Pelo menos, ele não poderá ser rotulado de “fraco”, “desleixado”: ele “luta” (já que há uma verdadeira cruzada contra as adiposidades) para mudar o seu corpo e empenha-se para isso, o que, no limite, lhe confere até fibra moral, segundo os valores postulados pela ideologia do corpo perfeito.

Na terceira fase, “agregação”, ela é consagrada ao papel de “malhadora”: suas atitudes e seu próprio corpo atestam que ela agora é uma *“nova mulher, que não se conformou com o que Deus lhe deu, correu atrás, batalhou, ficou mais bonita e mais segura”* (Mulher 70, 30 anos).

O corpo perfeito lhe conferirá uma nova identidade, um novo lugar no seio da comunidade a qual ela pertence, como podemos comprovar a seguir.

#### **e) COMPETIÇÃO E COBRANÇA SOCIAL**

A preocupação com o corpo, a importância que ele alcançou no mercado de trabalho, nas relações afetivas e na relação das mulheres consigo próprias e com os outros, e a existência de padrões corporais muito evidentes introduzem no sistema duas variáveis importantes: a competição e a cobrança social. Muitas mulheres se referiram a elas ao falar do culto ao corpo:

*“Ah, eu acho que entra muita coisa, é... insatisfação pessoal, as pessoas começam a se cuidar, a ficar mais bonitas, existe aquela coisa, um clima de competição, você vê hoje uma pessoa bonita, bem arrumada, com um corpo legal, transada, (...) porque que eu não vou ficar também? Então isso mexe com o ego, alimenta aquela coisa de você querer ficar igual, ficar parecido, conseqüentemente o culto ao corpo que eleva a auto-estima, uma coisa ligada na outra”* (Mulher 46, 42 anos).

*“Eu acho que as pessoas se comparam muito hoje em dia, a comparação tá muito grande, “se você tem, eu quero mais do que você, vou pra academia porque tenho que ficar melhor do que ela”, em todos os sentidos, depois pela parte do corpo também, acho que antes era material, agora também é pro lado corporal da coisa” (Mulher 61, 29 anos).*

Creio que, como o corpo se transforma ele próprio em uma mercadoria rentável, passível de ser desejado, exposto, comprado: já que a modernidade instaura um culto à mercadoria, nada mais coerente que ter um corpo perfeito adquira tanta importância quanto ter bens, sejam eles móveis ou imóveis. Como já foi tido, o corpo se torna um capital, mais um elemento no circuito das trocas econômicas e sociais e a competitividade do mundo dos negócios se transfere para o corpo. Até porque, como este corpo perfeito custa muito dinheiro, ele não é para todos: é só para aqueles que podem pagá-lo (embora, enquanto marca de sucesso, seja desejo também da classe “baixa”). O corpo instaura assim, no *roll* das diferenças, mais uma, a estética. Num cenário como o nosso, em que a falta de dinheiro pode levar ao descrédito social e a noção de cidadania passa pela inserção no mercado de consumo, inferiorizando as pessoas mais pobres e privando-as, muitas vezes do acesso à saúde e à alimentação, instaura-se mais uma clivagem, a da aparência física. Esta, inclusive, é indissociável da própria clivagem econômica, pois o corpo perfeito custa muito dinheiro, requer alimentação *diet* – sempre mais cara que a comum -, cirurgias plásticas<sup>10</sup>, tratamentos estéticos que correspondem a vários salários mínimos, roupas de ginástica de *griffe*... Através do corpo reafirma-se mais uma exclusão social: o corpo malhado nas academias, como comentou Boltanski (1979), é diferente do corpo do trabalhador, que é um meio para a atividade e não um fim em si mesmo, que deve ser conquistado via malhação. Nas camadas superiores da hierarquia social, diminui o volume do trabalho manual em favor das atividades intelectuais, fazendo com que os indivíduos alterem o sistema de regras que regem suas relações com o corpo, dedicando a ele cuidados mais atentos e específicos. Uma maior preocupação com a manutenção da forma física e da valorização da “graça”, maleabilidade e flexibilidade corporais sé mais comum e intensa nos segmentos abastados do que nas camadas menos favorecidas economicamente. A valorização da magreza é mais intensa nas camadas superiores. Nos segmentos

---

<sup>10</sup> Embora revistas e cirurgiões plásticos ofereçam cirurgias plásticas em doze parcelas, é inegável que o acesso à elas é maior entre as mulheres das classes média-alta.



subalternos, para os quais a força muscular desponta como um atributo de maior valor, muitas vezes o magro é visto como “fraco”. A diferença na terminologia é interessante e comprova esta idéia: pessoas de maior peso (mais “cheias”) são chamadas de “gordas” entre as classes sociais mais abastadas e de “fortes” entre os menos favorecidos. Daí que duas pessoas da mesma corpulência física serão consideradas magras entre os pobres e gordas entre os ricos.

Além do mais, o trabalho muscular aqui não está ligado ao trabalho rotineiro dos trabalhadores braçais, não está a serviço do sustento familiar, mas se configura como um marcador de classe e da maior capacidade de despender tempo e dinheiro com os cuidados estéticos.

Portanto, se o corpo de uma pessoa for mais malhado do que o de outra, em termos hierárquicos, a primeira ganha. Ou, como diz Del Priori, *“A indústria cultural ensina às mulheres que cuidar do binômio saúde-beleza é o caminho seguro para a felicidade individual. É o culto ao corpo na religião do indivíduo em que cada um é simultaneamente adorador e adorador. Mas o culto não é para todos. O tal corpo adorador é um corpo de ‘classe’. Ele pertence a quem possui capital para freqüentar determinadas academias, possui personal trainer, investe no body fitness; este corpo é trabalhado e valorizado até adquirir as condições ideais de competitividade que lhe garanta assento na lógica capitalista. Quem não o modela está fora, é excluído”* (Del Priori, 2000: 92).

Não importa se ganho de *status*, de dinheiro, de empregos ou de sucesso afetivo, o que importa é que através do corpo mais malhado a pessoa pode afirmar-se como superior à outra, mais competente, mais capaz, mais plenamente realizada. O corpo bonito pode fornecer mais sucesso econômico, mesmo para aquelas que não são modelos, como exemplifica a Figura 3, a aparência define o sucesso ou fracasso pessoal.

**Figura 3 - Aparência e sucesso**

Ele vende uma imagem de positividade e de sucesso que pode se converter em ganhos efetivos. Ou, então, ele também pode fazer vender cosméticos, roupas, cirurgias e outros itens. Na medida em que se cria uma

necessidade, que é ter o corpo perfeito, é preciso também disponibilizar os meios para alcançá-lo, e estes custam dinheiro, fazem a economia girar. A ideologia do corpo perfeito cria demandas, e num país capitalista, demandas são vitais para o sucesso da economia. Pode-se comprar tudo hoje em dia, de cosméticos à prótese de glúteos. Vivemos em uma permanente vitrine de corpos e não demorará o dia em que compraremos, junto com os produtos de limpeza no supermercado, uma prótese de silicone, ou, como diria uma das entrevistadas:

*“Então, eu acho que a gente pode pensar em vários fatores, políticos, econômicos, sociais, culturais, pensar, por exemplo, no econômico: o corpo entra em uma linha de produto de consumo, atualmente as mulheres compram peito, compram bunda, compram a perda de culote, o corpo hoje acho que é bem de consumo.” (Mulher 50, 26 anos).*

É sabido inclusive que muitas mulheres, principalmente as que estão na mídia, fazem troca de prótese de silicone porque enjoaram do tamanho ou resolveram que alguns mililitros a mais fazem uma grande diferença. Submetem-se a uma operação plástica não para corrigir algum defeito estético muito pronunciado, mas porque a moda pede seios de “X” centímetros. E é uma busca sem fim, já que a própria idéia de perfeição contém em si mesmo a eterna renovação.

Quando falamos no processo de culto ao corpo, percebemos que a presença de modelos corporais e a busca da perfeição caminham juntas com a competição, mas também com a cobrança social, assinalada em várias falas:

*“É uma cobrança social. Antigamente não fazia parte do assunto, você encontrava as pessoas, ninguém perguntava para você: ‘você faz exercício? Hoje em dia faz parte, ‘você faz alguma academia, você corre’? Sabe, faz parte do dia a dia das pessoas, então isto é cobrado. Agora muitas pessoas começaram a fazer exercícios por causa disto. Se ela fala “ah eu não faço ginástica”, ela já é vista de uma outra forma: “nossa, essa aí não faz nada”, sabe? é eu acho que as mulheres estão muito neuróticas, elas não fazem isto por causa do marido, é entre elas. Elas competem, acho que isto é muito ruim” (Mulher 51, 34 anos).*

*“Acho que pode falar num culto ao corpo e você vê muito isso aqui na academia. (...) Tá muito exagerado. Eu vejo a discriminação, eu conheço muita gente que faz triatlon, e falam, ‘Olha, aquela tem uma gordurinha a mais, tem que ser perfeita’.” (Mulher 14, 34 anos)*

Como percebemos nas falas, malhar virou tema de conversas, virou assunto. Em entrevista á revista Boa Forma, a atriz Carolina Ferraz observou que: *“Brinco com as minhas amigas que preciso fazer uma plástica, só para ter assunto”*<sup>11</sup>. Se você não pratica algum esporte, ou não faz atividade física, corre o risco de ser olhada pelos outros de modo depreciativo, como se a sua falta de atividade física ou de não preocupação com isso refletisse certa lassidão moral, uma preguiça condenável em tempos de exaltação das formas e dos movimentos. Há uma cobrança para que, ao menos, façamos nossa parte quando se trata do corpo e isso significa fazer exercícios, ou como disse Perrot (1998), *“No espaço público a mulher tem quase um dever de beleza (...) A burguesia reproduz este modelo segundo uma divisão dos papéis sexuais que delega às mulheres a ostentação do luxo e do lazer”* (Perrot, 1998: 22).

Vale perguntar, no caso de nossas mulheres, cobrança de quem? Eu diria que generalizada, dos maridos ou companheiros, das outras mulheres, de si mesmas e da sociedade como um todo:

*“Eu me cobro. Meu marido sempre acha que está bom. Eu me cobro porque eu detesto pôr uma roupa e ficar feia, eu gosto de manter as coisas que eu tenho, que eu gosto, eu detesto comprar roupa maior” (Mulher 19, 51 anos)*

*“Eu faço porque não tem jeito, eu sou obrigada. Se eu pudesse estar em casa sentada eu estaria, não estaria aqui. Eu não gosto de atividade física. Meu marido é um exemplo, acorda às 5 horas da manhã, vai todo dia pra academia, chovendo ou fazendo sol. Então ele é um grande incentivador meu a não parar” (Mulher 19, 51 anos).*

Outras mulheres são mais explícitas quanto à cobrança (e o apoio) dos maridos ou companheiros, afirmando que começaram a malhar por causa disto:

*“A imagem que meu marido tinha de mim me incomodava há uns três anos atrás, que ele achava que eu tinha que emagrecer. Eu era muito sedentária,*

---

<sup>11</sup> Revista Boa Forma, editora Abril, março de 2002.

*foi depois de um dia que ele falou, eu tava comendo e bebendo líquido ao mesmo tempo, então ele falou ‘ para com isso, você só tá engordando’, então eu falei – opa, péra aí, tenho que emagrecer, foi depois disso, juro pra você, eu mudei radicalmente. Eu procurei um endocrinologista, comecei a fazer uma dieta, reeducação alimentar, e mantive isso, emagreci e comecei a fazer ginástica. Não que ele não gostasse do meu corpo, mas ele viu que eu não tava me cuidando né, então me incentivou a mudar” (Mulher 49, 27 anos).*

*“Meu marido me apóia e cobra muito. Quando não vou à academia ele pergunta ‘Não vai porque?’ Porque eu gosto muito de tomar sol também, ‘não, você tem que malhar’. Na alimentação a gente também se pega muito no pé” (Mulher 43 )*

Um outro relato é muito emblemático para se pensar a questão da cobrança: Mulher 13, de 59 anos, mudou de uma das unidades da Cia Atlética, a unidade da rua Kansas<sup>12</sup> para a unidade do *shooping* Morumbi, e ela comenta sobre o peso que a beleza e o corpo tem de acordo com estes dois locais:

*“Com relação aos padrões da mídia, primeiro tem a idade, o aspecto cronológico é fundamental, eu mesmo não revelava minha idade [59], tinha vergonha da minha idade.. Aí eu mudei da Kansas, vim para cá e falei a minha idade e nem por causa disto caiu o mundo entendeu? E até me permiti engordar alguns quilinhos. Na Kansas existe uma cobrança muito grande neste sentido, eu não sei se você conhece a Kansas? (...) É onde a ‘Feiticeira’ treina, onde treina esta que casou com o Mike Jagger, então existe um culto ao corpo lá excessivo, tanto da parte dos homens, como das mulheres, gatos e gatas”.*

Eu pergunto a ela se a pressão pelo corpo perfeito é maior na “Kansas” do que na unidade do Morumbi e ela diz:

---

<sup>12</sup> A academia de ginástica Cia Atlética tem várias unidades dispersas pela cidade de São Paulo (e também por outros estados) e, destas, a unidade da rua Kansas foi eleita como a predileta dos famosos, principalmente, daqueles que estão na mídia, como atores, atrizes e apresentadoras de programas televisivos e, que buscam conquistar e/ou reforçar seu *status*.

*“Muito mais! E aí, os mortais, os normais, saem de lá, você não encontra uma gorda treinando lá de jeito nenhum, você se sente mal de ficar gorda lá, onde só tem gente bonita. Beleza lá é uma obrigação, se você quer participar desta sociedade que é a dos jovens, [freqüentadores de] Maresias [praia de Maresias, litoral Norte], você tem, no mínimo, de ter um ponto alto na parte do corpo” (Mulher 13, 59 anos)*

Ou seja, o corpo, a magreza, a juventude passaram a ter tanta importância na nossa cultura que inibem as pessoas de procurarem uma academia de ginástica se elas não estão perto da perfeição! É uma cultura claustrofóbica, que ao mesmo tempo em que nos empurra para a necessidade de “malhar”, também exclui do mundo das “malhadas” aquelas que ainda não chegaram lá, mas que estão procurando ao menos “entrar em forma”. É como se houvesse academia para “sarados” e academias para não “sarados”, unidades corretas para uns e não para outros! Será que os obesos precisam fazer ginástica em casa e só se matricularem na academia quando estiverem magros? Quando puderem, enfim, desfilar seus corpos sarados e se auto-afirmarem por ele?

Dois outros depoimentos evidenciam a cobrança social e sua relação com o estabelecimento de modelos corporais e, conseqüentemente, da necessidade de se ter um corpo perfeito.

*“Sim, o tempo todo, a gente é cobrada, você olha no espelho, e o que você busca é uma imagem que te impuseram para ser buscada, então o que tem de excesso, ou de diferente em relação ao que padroniza como bonito incomoda, já que eu não consigo preencher este ideal. Isto gera frustração” (Mulher 23, 48 anos).*

*“As mulheres estão preocupadas com um padrão social porque hoje a sociedade, a mídia mesma, ela exige que a mulher seja perfeita, tenha um corpo perfeito, seja bonita, cheirosa... A gente teve um congresso agora, na nossa área de educação física. E meu marido é muito querido, eu também sou muito conhecida... Bem, tem um ano e quatro meses que eu tive o último filho e eu tô voltando agora, e aí eu ouvi um comentário assim ‘Nossa, eu não sei como ela não tem ciúmes do marido, que é uma pessoa tão querida’, eu fiquei pensando, “Eu também não sou um tribufu, eu tô muito bem comigo mesma”. Então é aquele lado, ela teve filho, ela ainda não tá*

*perfeita, então você tem que tá perfeita, as pessoas não te dão um prazo. Você tem que tá perfeita ali, aquela hora.” (Mulher 59, 39 anos)*

Concluindo, de tão comum, podemos dizer que o culto ao corpo já se tornou parte da nossa cultura, está ao nosso redor e nos suscita a pensar sobre ele, sob pena de sermos por ele tragados. O culto do eu exige, como ressaltaram Elias (1990) e Rodrigues (1999), uma atenção maior ao peso das convenções sociais e do teatralismo artificial sobre às sensações imediatas, tornando o indivíduo menos resistente às pressões externas, que antes eram exercidas sobre toda a sociedade e agora passam a ser exercidas sobre cada um de nós, aumentando nossa vulnerabilidade à mídia e à opiniões alheias. Ou, como afirmou Rodrigues (1999): *“o indivíduo independente, autônomo e livre, absorve água quando pensa respirar e acaba se afogando no oceano das regras de um sistema político e econômico, de uma cultura, enfim, que o escraviza e que o obriga a ser exatamente assim: alguém que desempenha compulsoriamente o papel de ser livre, autônomo, independente (...). O indivíduo acaba por sentir em si o mal-estar silencioso, derivado da talvez mais hermética das prisões, aquela que se constitui quando o homem passa a ser um carcereiro de si próprio, vivendo na ilusão de ser livre. Mal-estar ruminante, que emerge inapelavelmente quando o ser humano se transforma, para lembrar as muito sábias palavras de Montaigne, em ‘amo de si mesmo’”* (Rodrigues, 1999: 178-179).

Recontextualizando para o culto ao corpo, podemos resumir afirmando que somos livremente obrigados a fazer ginástica, cultivar a magreza e a “malhação” e sonharmos com próteses de silicone. Além é claro, de cabermos no tamanho “P”, pois despreende-se que o corpo da atualidade, além de domesticado e disciplinado, deve ser exposto.

Como um veneno que nos contamina pelos olhos sem que o notemos, a cultura do corpo infiltra-se em nós e, ao mesmo tempo, nos seduz e provoca.

#### Bibliografia

**BAKHTIN**, Mikhail – A cultura popular na idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais, São Paulo, Hucitec, Brasília: Editora da UnB, 1987.

**BERGER**, Mirela – Corpo e Identidade Feminina, tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

“Mídia e espetáculo no culto ao corpo: o corpo miragem”, Revista Sinais n. 2, NEI (Núcleo de estudos indiciários),DCSO/UFES, 2007.

“As chaves do templo”, in: Revista eletrônica Ponto Urbe, vol. 2, NAU/USP, 2007.

“Corpo e Identidade Feminina”, in: Revista ??????????(Pati)

**BOLTANSKI, L.** - As Classes Sociais e o Corpo, Rio de Janeiro, Grall, 1979.

**COURTINE, Jean Jacques** - “Os staknovistas do narcisismo: body-buildinng e puritanismo osstentatório na cultura americana do corpo”, in: Políticas do Corpo, org. Denise Bernuzzi de Sant’Ana, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

**DEBERT, Guitta Grin** – A Reinvenção da Velhice, São Paulo, Edusp, 1999.

**DEL PRIORE, Mary** – Corpo-a-corpo com a Mulher: Pequena História das Transformações do Corpo no Brasil, São Paulo, SENAC, 2000.

**ELIAS, Nobert** – O Processo Civilizador, Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

**FEATHERSTONE, M. et alii** – The Body: Social Process and Cultural Theory, London, Sage, 1992.

Cultura de Consumo e Pós-Modernismo, São Paulo, Nobel, 1995.

**FUSSEL, San** - Muscle: The Confession of an Unlikely Body-Builders, New York, Poseiddon Press, 1991.

**GOLDENBERG, Mirian e RAMOS, Marcelo Silva** - “A civilização das formas: O corpo como valor”, in: Nu e Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca, Mírian Goldenberg et al., Rio de Janeiro, Record, 2002.

**GOLDENBERG, Mirian** - “Apresentação”, “A conversão do pesquisador” e “O corpo cativo: sedução e escravidão feminina”, in: De Perto Ninguém é Normal, Editora Record, Rio de Janeiro, 2004.

**KÉLH, Maria Rita** – “Com que corpo eu vou?”, Folha de São Paulo, Mais!, São Paulo, 30/06/2202.

**LÉVI-STRAUSS, Cláude** – “A eficácia simbólica” e “O Feiticeiro e sua magia”, in: Antropologia Estrutural Um, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1991.

**MAFFESOLI, Michel** – “Deixar de odiar o presente”, in: Ética e Estética na Antropologia. Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC/CNPq, 1998.

**PERROT**, Michelle – As Mulheres ou os Silêncios da História, Tradução de Viviane Ribeiro, São Paulo, EDUSC, 2005.

**PERROT**, Michelle – Mulheres Públicas, São Paulo, Unesp, 1998.

**PEIRCE**, Charles Sanders – “O ícone, o indicador e o símbolo”, in: Semiótica e Filosofia, São Paulo, Editora Cultrix, sem data.

**PROST**, J. H. - “Filming body behavior”, in: Principles of Visual Anthropological Filmmaking, org. Paul Hockings, Ed. The Hauge Mouton Éditeur, 1975.

**PROUST**, Antoine - “Fronteiras e espaços do privado”, in: História da Vida Privada, vol 5: da Primeira Guerra a Nosso Dias, org. por Antoine Proust e Gérald Vincent, direção de Philippe Ariès e George Duby, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

**RODRIGUES**, José - Tabu do Corpo, Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.

– O Corpo na História, Rio de Janeiro, Fiocruz, 1999.

**SABINO** , César – As Drogas de Apolo: O Consumo de Anabolizantes em Academias de Musculação, Rio de Janeiro, Lugar Primeiro, sem data.

“Anabolizantes: drogas de Apolo”, in: Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca, Mírian Goldenberg et al., Rio de Janeiro, Record, 2002.

**SAFFIOTI**, Heleieth – A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade, Petrópolis, Vozes, 1979.

**TURNER**, Victor – O Processo Ritual, Petrópolis, Vozes, 1974.